

O Gênio Humano torna-se iracundo e ruge e range a raiva atroz das hienas... E a turba cai do báratro no fundo, nos vórtices de chama das geenas! E, após a luta, o saque furibundo com todo o requintado horror das cenas... – Gargalha, Marte! Torna-te jocundo! Já todo um povo geme as suas penas! E assim como Atlas, num penar profundo – oh! formidando assombro dos assombros! – foi condenado a sustentar o mundo, essa gente, que surge dos escumbros, vai palmilhando pelo campo imundo suportando a miséria sobre os ombros!...
Caio *Graccho Barreto* Maranhão 1909-, Guerra

* Eu faço versos como os saltimbancos – ** Círia do Carmo Bordini Cardoso (*À minha amiga Lourdes Palmer*) Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros, 2ª Edição, 1947: Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Vai, coração teimoso, vai batendo por aí por um outro mentiroso que finja bater por ti.
Aley Ribeiro Souto Maior, 0907 Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN

Viajo num sonho fantástico; sinto-a do lado, formosa. Refaço o desfecho drástico: “Adeus!” foi a última prosa.
Benedito P. da Costa, 1106, A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo, SP

Ao final desta carreira de lutas, sem escarcéu, exibo minha bandeira são meus filhos, meu troféu!
Neide Freire, 1106 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br

Junto à praia, a contrastar com a fúria das marés, as ondas calmas do mar beijam, de leve, meus pés!
Renata Paccola, 1107, Lit.&Arte R. Aurora A. Ferreira 171/702 29090-310 – Vitória, ES

As águas que vem da chuva molham a terra e plantaço. Mas as águas dos meus olhos, são mágoas do coração.
Roberto Pinheiro Acruche, 1104 Trovas e Poemas, CP 123192: 28230-000 – S. Fco. de Itabapoana/RJ

Na alma ela tem uma rosa, no coração muito ardor, sua vida é generosa, é minha mãe, meu amor.
Walter Argento, 1105 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP

Que cada trova que eu faça, azul, vermelha ou lilás, tenha a cor da doce graça, o dom melífero da paz.

Hoje a humanidade jaz em meio ao terror e à guerra. E a nívea pomba da paz não tem pouso nesta terra.

Caminhei por longa estrada em busca de um pouso amig. Descobri na caminhada: descanso é ter paz consigo.

De Deus não vem o terror. A humanidade é que o faz. A razão vive de amor e o orgulho fere a paz.

Rega de amor os teus dias. Busca a paz e a compreensão. Colherás as alegrias que brotam do coração.

Que bom... Quanto bem nos faz! Alegria nos só de ouvi-la não basta buscar a paz, mas é preciso segui-la.

Miguel J. Mally, Trovas de Paz, 2010 – Contato: SQN 314 Bloco C, Ap 215, Asa Norte, CEP 70767-030, Brasília, DF

1. Preencher até três haicus, (veja quigos a lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.08.11, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Música, Potrilho, Sibipiruna.
Até o dia 30.09.11, enviar até 3 haicus de quigos: Festa de Iemanjá, Natal, Reinado.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterà o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIIS DE INVERNO



– TEMAS DE INVERNO

Em frente à palhoça, índios assam macaxera, avivando brasas.
Angélica Villela Santos

Árvore desnuda em meio ao branco da neve. Paisagem de inverno.
Angélica Villela Santos

Na vasta paisagem, ninguém na praia de inverno. Só mar e areia...
Angélica Villela Santos

Uma flor em meio às pedras primavera próxima.
Gláucia Suellen

Árvore frondosa, muitas flores a recobrem. Primavera próxima.
Mª Marlene N. T. Pinto

Primavera próxima à noite vovô conta aos netos contos de Tupã.
Rosângela Aliberti

Nariz vermelho, menino de pé no chão. Coriza na certa.
Suely Mendonça

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA



No campo de neve os gorrinhos deslizam B
Alba Christina

No pomar de casa, passarinhos beliscando nêspas maduras. A
Analice Feitoza de Lima

Apesar do frio as crianças se divertem brincando na neve. J
Argemira F. Marcondes

Lá vai o gado, do pasto para o curral... Vaquejada em cena. S
Darly O. Barros

A menina brinca e a neve cai. S
Manoel F. Menendez

Na banca da feira, uma pilha colorida: nêspas maduras. B
Neuza Pommer

Baile do Havá – nêspas ornamentando a mesa da festa. S
Renata Paccola

No muro vizinho nêspas convidativas crianças contentes. J
Alba Christina

Sol se levantando. E a neve se desmanchando no alto da colina. B
Analice Feitoza de Lima

Gados nos currais, fim do frio, vaquejada, para apartação. S
Argemira F. Marcondes

Barulho de cascos na estrada de terra vaquejada. G
Denise Cataldi

Branco e gelados espaços intermináveis, neve caindo... S
Maria App. Picanço Goulart

Peão traz no peito o lenço da namorada. Vaquejada. G
Neuza Pommer

Aglomerado – aeroportos fechados por causa da neve. S
Renata Paccola

Olhando o crepúsculo bem no fim da vaquejada o vaqueiro descansa. S
Alba Christina

Por entre a inverna, cavaleiro num tordilho. Uma vaquejada. J
Analice Feitoza de Lima

Nêspas maduras: atração irresistível. Pássaros famintos. B
Darly O. Barros

Na frente do sítio uma árvore dourada. Nêspas. J
Denise Cataldi

Reunião de gado, rodeio no final do inverno, vaquejada! S
Maria App. Picanço Goulart

Pela vidraça vovô espia o jardim. Neve caindo. J
Neuza Pommer

Casaco de lã. Capuz e botas forradas. Suave cai a neve. J
Roberto Resende Vilela

Na rua deserta, a neve cai lentamente e ilumina a noite. G
Amália Marie Gerda

No campo, os peões. Sons de tropel e mugidos. É a vaquejada. J
Angélica Villela Santos

Bonecos de neve na serra catarinense. Quantos escultores! J
Darly O. Barros

Prato sobre a mesa. Nêspas amarelinhas dão água na boca. S
Djalda Winter Santos

Graciosa árvore, salpicada de amarelo, gostosas nêspas. S
Maria App. Picanço Goulart

Clima de alegria. Vaquejada na fazenda atrai os colonos. B
Renata Paccola

Contorções. Poeira. Gritos. Palmas. Assobios. Segue a vaquejada. J
Roberto Resende Vilela

CARTAS À TIA TÉIA

Larissa Lacerda Menendez, Gentileza de Ivanise Cordovani Marques

Calama, 3 de janeiro de 1997
Querida tia Téia:

Em primeiro lugar desejo a todos um Feliz Ano Novo! E aproveito também para agradecer as lindas estrelas que ganhei de Natal.

Bom, tia, para chegar até aqui foi uma longa viagem. Depois de três dias dentro do ônibus, passando por Minas, Mato Grosso e Rondônia, chegamos a Porto Velho. Pernoitamos na casa de uma senhora muito legal e no dia seguinte tomamos um barco completamente lotado de redes e depois de dez horas descendo o maravilhoso rio Madeira avistamos algo que pareciam oito luzes

(sabe quando viajamos pra Santos e avistamos as luzes da cidade? Pois é, era como aquilo, mas apenas oito luzes). Era, finalmente, o Distrito de Calama.

Como compreender a existência de um lugar tão minúsculo? Aqui todos se conhecem, você atravessa os três bairros desta pequenina cidade em no máximo uma hora. Mas há também uma beleza encantadora em tudo. Não há ruas, não há carros e somente casinhas de madeira e palha. Existem também duas pontes, uma de ferro e outra de madeira, interligando os bairros e passando sobre os igarapés que enchem quan-

do chove.

Na casa pastoral, onde fico, é grande, tem comida normal. Mas nas casas típicas daqui se come farinha e peixe, o banheiro fica fora, na “casinha”. Em alguns lugares as mulheres têm que buscar água no igarapé e lavam roupa lá também.

Tem criança pra todo lado. O pôr do sol é deslumbrante e dá pra ver o boto nadando no rio (na casa onde estou você abre a janela e vê o rio). Tem energia elétrica, um posto telefônico, parece uma cidade de brinquedo. Existe também doença, alcoolismo, condições precárias, mas nada comparável à miséria que se vê nas ruas

de São Paulo.

Aqui parece mais familiar: há silêncio, tranquilidade, fruta no pé; nem dá para acreditar que ainda se possa viver assim. Claro que ainda não vi tudo. Em dez de janeiro vou para uma comunidade mais simples onde se celebra a festa de S. João Batista, aí conto com mais detalhes. O único problema daqui é a saudade. Mande um beijo a todos, diga à tia Coca que também agradeço as estrelinhas e telefone no aniversário dela (se o telefone funcionar). Um grande beijo da sobrinha Larissa

Porto Velho, 7 de janeiro de 1997

Querida tia Téia:

Como pode ver agora estou na capital, novamente na civilização. Pra falar a verdade quando cheguei e ouvi o barulho dos automóveis me deu uma alegria tão grande! Jamais pensei que sentiria saudade (só um pouquinho) até dessas coisas.

Mas tia, hoje eu fui até a Funai buscar uns brincos (lindinhos) que encomendei de uma índia chamada Iracema! Af eu aproveitei para conversar um pouco e senti uma emoção tão grande! Sabe essa sensação que a gente tem

quando é criança e fica sonhando com as coisas com o maior sabor? Pois é, tia, parecia que eu estava realizando um grande sonho, uma sensação um pouco confusa que não sei descrever. Acho que quando eu pisar na tribo vou ter um ataque! Na verdade acho que isso que sinto é paixão. Os textos de antropologia que tenho lido alertam a gente sobre não ver o índio como algum anjinho, eu compreendo racionalmente, mas não posso deixar de sentir paixão, embora saiba que ela é cega. Mas tudo bem, alguma coisa a gente sempre aprende, né?

Ah, não se preocupe, recebi suas duas cartas e

Impresso (7.01.97): *O destino do mundo encontra-se no coração de cada mãe.* (prov chinês)

Calama, 17 de janeiro de 1997

Querida tia Téia:

Acabo de voltar da Ilha de Nova Assunção, onde está sendo realizado o festejo de São Sebastião. Toda noite tem novena, procissão com vela; ontem, para pagar promessa, saímos todos de barco com velas na mão, ao pôr do sol.

Na hora do banho a gente desce até a beira do rio de roupa e cuia, sobe numa "madeira" flutuante que eles chamam prancha e vai se molhando. É muito gostoso tomar banho olhando lá pra outra margem do rio cheia de árvores.

Para o festejo o povo se reuniu e enfeitou um mastro enorme com presentes para o santo. Com uma corda amarram bananas, latas com comida e no dia de subir o mastro os homens agarram as cordas e as mulheres ficam em volta cantando e rezando com velas na mão.

Calama ficou sem graça perto da Ilha. Lá não tem luz, a água que a gente bebe é tratada com sulfato de alumínio, mas ao abrir a porta você dá cinco passos e já está na boca do rio. Quando quer chupar laranja vai roubar do pé do vizinho. Uma laranja doce doce! O pessoal aqui gosta mesmo é de roubar goiaba.

A única coisa que realmente ainda é mais linda em Calama é a sinfonia de sapos na ponte, à noite.

Falando assim parece um lugar muito difícil de se viver, mas não é assim, é muito gostoso. São gente como a gente e o que eles fazem dá pra gente fazer também.

Bom, fora a saudade, está tudo muito bom. Mandando um beijo para todos, tia Gina, um pra tia Coca e um especial para você. Beijou, Larissa

Porto Velho, 17 de fevereiro de 1997

Querida tia Téia:

São 22:43 da noite e agora estou aqui moran-

Impresso (17.02.97): *O mundo precisa de você, mulher: cheia de vida, otimista, alegre e simples, para tornar os outros mais felizes.*

Araras passando, garridas e coloridas: algazarra em bando...

Morreu a cigarra. Formigas, nem tão amigas, até fazem farra.

Na terceira idade, os amores do passado tornam-se saudade...

Muito mais pesado que o ar, rápido ao passar... Grande invento alado!

Meu corpo cansado, quando ama, quer uma cama, com mulher ao lado...

Árvore sem dono... Ai, cai tanta folha! Vai retornar o outono.

Naquele pomar, manda sabores tentam o meu paladar.

Na avançada idade, o amor perde o brilho e a cor, e ganha a saudade...

Ouçã, sem revolta: seu beijo não mais desejo! Mande os meus de volta...

A cerveja espuma, querendo imitar o mar. É amarga e sem sal...

A manhã surgiu. No galho, tonta de orvalho, uma flor se abriu.

Branca feito a lua, chegou e até me abraçou, dizendo: "Sou tua!"

Na folha arrancada, o novo logo surgiu. Aplauda a chegada!

Tens preparo físico: carregas tanta beleza em teu corpo frágil...

Enterra-se o corpo. Em se plantando, nem tudo realmente dá...

Muita animação: pamonha e festa risonha, fogueira e quantão.

Amar eu queria. Se amor chegasse sem dor, feliz eu seria!

Salário mingua do desfila na maior fila... Pobre aposentado!

Faça sempre o Bem! o Mal não é capital que rende no Além!

O circo mambembe e o toldo todo furado, mostrando as estrelas...

Não pise nas flores! Lembrete: neste tapete há cores e odores.

Lamento os abraços que dei enquanto te amei! Tristes dos meus braços...

Nunca as vi no Sul. São raras essas araras vestidas de azul...

Na terra e no ar, as borboletas são flores que sabem voar.

Tudo fez por nós: viveu, sofreu e morreu. Teve morte atroz!

O pássaro canta e não poupa o seu pulmão, nem sua garganta...

Frutas tropicais, florestas, lendas e festas, rios e animais.

Tão precisa e útil a mão hábil do artesão: nada faz inútil.

Combateu a fome, sofreu de AIDS e morreu. Gravem o seu nome.

Inseto que estraga, destrói e tudo corrói: cupim é uma praga!

Enterro na mata: formigas, novas e antigas, levam a barata...

Novo amor ganhei: sorri e até me esqueci que um dia te amei...

O sol nunca morre e eu sei que ele vai ser rei amanhã... de novo.

O canário canta. Contento, canta estridente. Mesmo preso... encanta!

Dói a despedida demais, se tão longe vais... Fica triste a vida!

Edmilson Ferreira Macedo 1932-2008, Gentileza de sua viúva Maria Salete Chalub Macêdo e filhos Ana Luiza e João Paulo: Av. Júlio Otaviano Ferreira 361, Ap 102: 31170-200 – Belo Horizonte, MG

Barcos de papel só podem levar à infância.	A chuva em fuga esqueceu seus espelhos no chão.	O céu se aproxima numa poça de lama.	A lavadeira estende na relva cetinosas rudes vestes de algodão.	A borboleta suga a rosa pousada num espinho.	O ipê solidário veste de flores o chão nu.	A bailarina reflete seus gestos em mil lantejoulas.
Os insetos criam vozes para a boca da noite.	Crianças brincam de esconde-esconde: um bem-te-vi delator!	O remendo do teto furado é um pedaço do céu.	Na pauta dos postes pardais espiam a procissão passar.	Outono gris folhas tombam no rio vida sob a morte.	Nenhum jardim vence o arco-íris: mas que cores breves!	Sinal fechado faces esperam o verde nenhuma primavera.

E S P E L H O S D A C H U V A - C O N T A - G O T A S L Í R I C O

Cláudio Feldman, 2011, Editora Taturana. – Endereço do Autor: Rua Santo André 700, 09020-230 – Santo André, SP

Um erro não se acoberta: quando a virtude periga, há só ternura encoberta na mão que ao filho castiga. É pequeno e vale tanto para quem o trouxe ao mundo! Um filho – sorriso e pranto – é feito de amor profundo.

Ano novo vida nova mundo novo. Amor e paixão paraíso e inferno prazer e compulsão faces da contradição.

Abaixo as rimas que se anuncia viver é poesia.

A prisão é desconforto, ainda que em doce lar... Se a família é mesmo um porto, que ponha os barcos ao mar!

Não há ninguém neste mundo que confesse a insegurança, mas cada qual, bem no fundo, é sempre a eterna criança!

TROVAS PARA REFLETIR
Maria Thereza Cavalheiro, 2009 – CP 1944, Ag.Central, 01059-970 SP, Paulo, SP

Roberto de Lucia

TROVAS PARA REFLETIR
Maria Thereza Cavalheiro, 2009 – CP 1944, Ag.Central, 01059-970 SP, Paulo, SP